

A LITERATURA LÍQUIDA DE JOÃO GILBERTO NOLL ENTRE O DIZER E O FAZER EM DISSOLUÇÃO

Tania Teixeira da Silva Nunes
Doutorado/UFF
Orientadora: Ângela Maria Dias

Penso se tudo na vida não será a degeneração de tudo. O ser não será uma aproximação – uma véspera ou uns arredores. Fernando Pessoa (1989: 86).

Escrever para João Gilberto Noll é narrar a vida, episódios em que a palavra literária e o corpo se movimentam, entrecruzam, rarefazem e dissolvem para experimentar a literatura no reino da imagem. Parece-nos que para o autor gaúcho, é preciso demonstrar que o mundo está sempre aquém do esperado.

E, para superar acontecimentos e acasos infinitos na trajetória de mundos literários imaginados, aos sujeitos narrativos de suas obras são impostos sacrifícios de modo a não sucumbirem. São seres que atuam sob linhas de força dentre as quais a negatividade promove a construção do mundo narrado. Mas ante a desertificação o mundo vai desagregando em descontinuidade, dissolução, distensão ou dissonância.

Esse autor expõe na narrativa a relação entre corpo e *performance* em feridas abertas, corpos frágeis de seres que ressaltam a experiência do esvaziamento no homem contemporâneo, deixando transparecer e vir à superfície narrativa a voz da dor, do paradoxo entre salvar a si mesmo e manter a existência mutilada, pensamentos que afloram de consciências niilistas que se apóiam na linguagem e aproximam o discurso literário do político.

Trata-se de exemplo de literatura-limite em tempos em que o homem padece do vazio da indeterminação. Nessa comunicação pretende-se apresentar como se configuram esses e outros efeitos da experiência da dissolução da forma e da linguagem na literatura de João Gilberto Noll. O próprio autor reflete sobre a travessia do seu ofício:

É sempre muito difícil escrever, cada vez mais difícil. Você vai ficando mais exigente com sua produção. Quando a coisa chega ao nível de ser vomitada – porque trabalho com o inconsciente – sai uma maçaroca, é difícil conviver com ela. [...]. A literatura vem do erro muitas vezes, da insuficiência. Não é um quadro de normatividades, se origina do desvio, da dissonância. (NOLL, *Jornal do Brasil*, 2.7.2008: 2).

Há uma revitalização da prosa no Brasil a partir dos anos 1970-1980, quando os autores passaram a escrever narrativas com o intuito de ultrapassar o silêncio imposto aos artistas e à arte em tempos de censura. Essas obras são marcadas por um novo realismo que, depois de três décadas, aponta para a pluralidade: realismos. Isso se deve à substituição das escritas do eu, que convertem e transmutam para o mundo ficcional, a dificuldade de apreender o contemporâneo na diluição de fronteiras entre o ficcional e a realidade.

A gênese do que chamamos de literatura líquida de João Gilberto Noll, entre o fazer e o dizer em dissolução parece-nos uma espécie de experiência performática do tempo em suspensão quando só importa a travessia da escrita: o instante-já ou o agora-sempre como “uma duração invariável igual a si mesma” (2008: 101). A arte literária, assim, carrega como proposta dar conta do estado de escassez do sujeito ante o contemporâneo vivo e incerto que afronta o sujeito em cada esquina. Mas também recebe a influência de vários momentos passados da história e da própria literatura.

No início do século XX, Karl Marx afirmava que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, esboçando outro sentido para a vida moderna. André Breton, no *Manifesto Surrealista*, pontuou: “tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito donde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável deixam de ser percebidos contraditoriamente”. E, acrescenta “este ponto designam-no quer uma literatura violenta quer a violência da experiência mística. O caminho importa pouco: só a questão importa” (BATAILLE, 1989: 21-22).

Sobre forte influência do modernismo brasileiro, a escrita de caráter anárquico de Noll denuncia a revolta dos tempos, sentido destruidor e rompimento com as estruturas lineares estabelecidas pela teoria da narrativa no passado.

Com o apagamento das marcas das convenções e a literatura engendrada no mundo da cultura, a arte literária dialoga com outras áreas do conhecimento e passa a expressar a plurissignificação do signo, ampliando fronteiras de produção do texto e de

recepção da crítica. Daí a proximidade com a modernidade líquida, com a vida em fluidez.

Desarticulação e rearticulação são elementos capazes de intercambiar com a dialética do novo e do sempre-igual, atribuída por Walter Benjamin na crítica da cultura. A premência do dizer e do fazer de João Gilberto Noll, a partir do corpo em errância e envolto em ritual-performático, aponta para uma arte que é igualmente resistência e busca; formação e deformação. É, também, uma aptidão estética através do eterno retorno do mesmo, possível de ser lida pelas polaridades do sagrado e do profano; da coesão e da dissolução; da realidade e da ficção.

Pode-se afirmar que, em João Gilberto Noll, esse dinamismo faz parte de uma proposta autoral. Dizer e desdizer o que antes foi dito pertence ao jogo da linguagem para não se fixar em ponto nenhum. Porém, na escrita do autor o corpo é um evento, ele afeta e é afetado, tem potência afetiva na busca de efeitos sensíveis da realidade do tempo na fluidez e instantaneidade do contemporâneo.

A poética da dissolução, na obra de João Gilberto Noll, está atrelada à ideia de tempo e de movimento para a construção de uma nova narrativa (o novo) a partir dos mesmos elementos ficcionais (sempre-igual) quando o já e o sempre, juntos, trazem o real e o cotidiano como mistério do novo.

O já e o sempre passariam a ser irmãos, passariam a fazer parte de uma corrente carnal e metafísica ao mesmo tempo. Entre a experiência de um e de outro haveria drenos intermediários, a conduzir resíduos de hoje para a já combalida quimera do amanhã. Com sinceridade, nem sei para que esse trânsito maluco entre o aqui e o acolá. Entre uma experiência e outra, com sorte, talvez, daria para rascunhar uma imagem ainda confusa da eternidade [grifos nossos] (NOLL, 2008: 63).

São nos “drenos intermediários” que a escrita reverbera e encontra salvação. Nada mais do que dissolver, deformar, desmanchar, entranhar, duplicar para dar nova forma porque, depois de oferecido o meio, a matéria, o caminho a ser percorrido, é preciso optar pelo “entre”, pelo caminho do meio.

Isso demonstra que a arte contemporânea se instaura também nas brechas entre a tradição e o que ainda não se sabe. Ela é composta de cacos, fragmentos e porções da história em contínua interação sincrônica, onde “o novo aparece raramente, mas tem a possibilidade de se presentificar justo a partir dessa interação”. Resume, assim, a mesma

ideia benjaminiana, a partir das teses da história, uma composição ancorada na dialética do novo e do sempre-igual (PLAZA, 1987: 12).

Existe um dinamismo na obra de João Gilberto Noll, que colabora com a marca do tempo, para a composição de uma escrita teatral centrada na oposição entre formar e de-formar pela linguagem, criando efeitos inusitados para a recepção do leitor.

Pode-se ratificar que entre pólos contraditórios, há um abismo, uma descontinuidade, que gera um vazio, uma perturbação e também um preenchimento com a escrita intensa e visceral. Neste ponto o leitor depara-se com o terceiro elemento (entre os pólos) que se instala na ambiguidade dos contrários: a escritura, a linguagem, ou seja, a arte. Esta atua como conversão e tem a força de revelar o novo.

O resultado desse ato se encontra presente na escrita-novidade gerada a partir do “sempre-igual”. Uma proposta de expressão vista como destruição criativa, arte experimental e dinâmica. Noll busca uma nova autoria em cada livro e carrega um princípio, a nosso ver vivificante, na construção engenhosa de sua arte.

As oposições estão sempre intermediadas por dois pilares: o corpo e a palavra. O corpo é o homem depauperado contemporâneo, isolado e em solidão. A palavra é pensamento, racionalização, advém da presença da dor e da necessidade de escrever o quanto o narrador sofre para transmutar em linguagem aquilo que traz à tona do mundo vazio e do corpo esburacado. Uma prosa visceral e sensorial. Uma escrita que nasce no navegar do pensamento algo que vai atravessando o inconsciente. “Escrever é navegar”, diz um dos narradores (NOLL, 1981: 90).

E a literatura de João Gilberto Noll responde com resistência no tempo (na superfície da linguagem) e busca o novo (no subterrâneo do inconsciente) através de um corpo-palavra erotizado que se atualiza no tempo e no convívio do homem com o meio. O espaço é trânsito, travessia e vai sendo percorrido num roteiro desbussolado.

O autor parece fazer questão de denunciar o elo trágico da punição, da crueldade do mundo sobre seus personagens que carregam uma ausência de si mesmos. Traz em seus romances uma palavra imbuída de um ideal maior. Uma ação na religião, que não explora o misticismo, o sagrado, mas se apropria deles tão somente como estratégia ficcional, para expressar a ideia do homem esquecido e destituído da graça divina. Algo que a arte literária aponta para além da vida, algo especial. É importante relatar que a narração não é uma retórica bíblica, mas permite o encontro do literário com o símbolo cristão, o encontro de chaves de leitura, que passam por esses conhecimentos seculares.

Além disso, a proposta da escrita entre pares dicotômicos é uma estratégia autoral, aponta que entre o sagrado e o profano o autor semeou a conversão do sujeito; entre a morte e a vida, a escrita na contravida; entre a prosa nua e a poesia do instante, a escrita mínima; entre o eu-masculino e o eu-feminino, o corpo-palavra, a conversão do corpo através da escrita performática. Em todos esses vazios, no “entre”, nos “drenos intermediários”, o narrador-escritor deixa vaziar sua escrita líquida. E, por fim, entre a forma e a de-formação nasce uma nova forma mais inflamada, mais escorregadia advinda do fazer e do dizer.

Eis como João Gilberto Noll pensa o tempo em sua arte. Trata-se de uma realidade que a qualquer custo busca ultrapassar o real e, tal como a água, se infiltra pelas coisas, quando as imagens apontam para a confluência entre a necessidade de representar o mundo e a impossibilidade de narrar o vivido, a realidade.

Noll exemplifica a síntese do mundo contraditório do presente. Ele cria e escreve sobre impossibilidades e desenha em cada escrita o nó do contemporâneo (o vazio abismal).

Algumas características da linguagem da dissolução são importantes apresentar nessa escrita. As narrativas labirínticas carregam a imagem em fluidez, uma grafia porosa; caos de imagens ondulantes em dobras infinitas: aspecto com que hoje caracterizamos a literatura de acumulação; escrita no limite e à margem do contraditório e apresentando a ambiguidade como retrato do tempo (desconstrução e reconstrução; unicidade e multiplicidade; especularidade e opacidade; essência e aparência). As repetições enfatizam e fazem a ressignificação das imagens a partir da negação de formas variadas; um relativismo irônico em que qualquer coisa e tudo sofrem metamorfoses. Dentro da escrita do possível o autor privilegia certo abandono das formas consagradas de expressão literária.

A linguagem em dissolução persegue as funções da vida: amar, sofrer e ressurgir. Amar com brutalidade; sofrer mastigando o ouro do paraíso e ressurgir a cada esquina como um Lázaro disfarçado em pequenas ruínas sem o furor e o escândalo diante da “temida das gentes”. Não a “indesejada das gentes”, como versou Manuel Bandeira sobre o tema da morte (NOLL, 1981: 135).

Vale nessa comunicação um parênteses para afirmar que esse modelo de escrita, ou seja, deformar a forma para dar nova forma, coloca em xeque todos os elementos da

narrativa clássica: narrador, personagem, espaço, tempo, enredo e também inclui a linguagem.

No que se refere ao narrador são seres mendigos, vagabundos, párias, personagens que vivem à margem da sociedade: figuras errantes e anônimas que apresentam sempre uma marca de exclusão. Por outro lado, em inúmeras passagens de seus romances esse indivíduo mostra-se racional diante do tempo, conhece o espaço em que pisa, quem são seus algozes e sua fala mais se assemelha a um velho sábio, literato do que a condição depauperada que o autor lhe impõe ante a fala de quem narra. O próprio narrador diz que a ingenuidade não lhe deve ser atribuída. Imbuído do papel de quem tudo sabe sobre o mundo narrado, mesmo assim não consegue escapar da agonia da vida.

Há que considerar que um dos atributos mais importantes que falta a esse narrador é o próprio nome e sempre lhe acompanha uma dor existencial no corpo e no pensamento. E a identidade desse narrador é o primeiro ponto que demonstra o processo de dissolução nesse romance. Isso se deve essencialmente à condição de sujeito exilado de si mesmo, indefinido e cansado do cotidiano. Carrega a dissolução da subjetividade como marca do tempo. O eu desfigurado agrega-se ao outro no erotismo, no sagrado ou na fusão do sexo para buscar energia e força de expressão.

Logo na primeira obra, *A fúria do corpo* (1981), no entanto, o autor insere na narrativa um engodo e o antagonismo entre o profano e o sagrado na consagração do narrador a João Evangelista. Em *Mínimos*, em um dos contos ele é o Bispo da Madrugada. E, a palavra é o *Verbo*, um grito que nasce do fosso do som. Em *Acenos e afagos*, o narrador é João Imaculado e a palavra encerra a fusão com o corpo: um corpo-palavra ou a confusão do jogo do eu *versus* outro.

Noll em cada romance vai apresentando um novo discurso que traz o sujeito entre continuar vivo e escapar da morte e manter o seu corpo energizado para continuar a narrar o que o olhar capta no mundo exterior e o mundo interior grita para não passar da complexa condição de *homo sapiens* para *homo demens*. Vida entre loucura e sabedoria porque não existe nitidez nessa fronteira em que sempre haverá complementaridade, ou seja, co-presença entre loucura e sabedoria. Assim como em todos os pares contrários.

O narrador de Noll questiona a ideia de herói. De fato, não cabe mais na literatura dos anos 1980, o papel do herói, mas do denunciador, sendo a denúncia uma

possível fuga da loucura e da morte. Ele acentua isso em seu primeiro romance através das palavras postas na carta do soldado para Afrodite deixada ao final da obra:

Então que fique esclarecido isto: não sou herói, lembra de mim como um sujeito doce, que sempre odiou pegar em armas e que, se pegou em uma, foi por absoluta falta de ocupação. É que quando a alma está em ferida e se desconfia enlouquecer na próxima esquina, ou se enlouquece na próxima esquina ou se tenta puxar a raiz da dor (NOLL, 1981: 181).

No século XXI, o homem perdeu seus heróis e somente cultua seu deserto interior e singularidades da vida. Os conflitos reprimidos dão origem à dor psíquica, doença da psique, em que encontramos a *anima* demasiado débil e o *animus* hipercrítico. E, ambos em desequilíbrio. Além da esquizofrenia, deparamo-nos com a falta de alegria de viver das pessoas, mais suicídios, solidão, depressão e abandono, o pânico, o medo cósmico, a ausência do sentido da vida, a necessidade de metafísica impulsionando a leitura de que a salvação é quase uma impossibilidade.

Por outro lado, o homem em estado incerto mostra sua condição de *homo vulnerabilis* e pede ao leitor que busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. Faz parte, portanto, dos enredos dos romances de João Gilberto Noll a discussão da subjetividade e o apagamento do sujeito: “não temos nome, idade, feições definidas, somos apenas esse momento anônimo [...]” Faz parte também a inserção do homem comum destituído de qualquer face. (*Ibidem*: 183).

Interessa ressaltar que os romances apresentam temáticas e visão de mundo possíveis de serem entrelaçadas na crítica do fazer e dizer em dissolução como conjunto da obra do autor depois de mais de dezenove narrativas. A imagem é um signo aberto ao leitor. Isso não traz facilidade em interpretar a narrativa. Pelo contrário, esse escritor deixa acontecimentos que se dobram em um plano de composição sobre infinitas imagens em grande número de variações e significações que gera um desafio para o leitor: encontrar uma unidade de leitura ante a multiplicidade temática.

Por isso o crítico Silviano Santiago resalta que *A fúria do corpo* é um romance de ação. Mas *Acenos e afagos* não é diferente e, também os pequenos contos de *Mínimos*, instantes poéticos publicados como micronarrativas ou microcontos. A ação é o conjunto de acontecimentos que se encerra em um determinado espaço e tempo na narrativa. Como elemento essencial ao texto narrado, Noll manipula muito bem a ação

em sua escrita; recurso que dá movimento às imagens intermediadas pelo gesto e trânsito dos protagonistas. Nela engloba o corpo das personagens, as coisas e o tempo.

Mas também a ação ocorre quase sempre na rua, nos submundos na cidade e tudo é desvelado como uma cortina em um palco multiuso. A rua é o palco. A vida é um palco. O corpo é o roteiro.

Assim, rodeia a linguagem visceral de seus romances de uma teatralidade significativa para a contemporaneidade na literatura. Na primeira narrativa, o corpo enfurecido e dissoluto do narrador fala à amada Afrodite, mendiga identificada pela deusa do amor:

[eu] só me esvaziava sem mérito, apático na própria dissolução. Você matava. Matava um por um todos os que fossem obstáculos entre você e a tua Graça de estar viva [...] não fica assim tão insofrida porque rio de você menina, tenta eliminar meu ódio com a graça de tua verdade [...] [grifo nosso] (NOLL, 1981: 22-23).

Diante do homem perdido em suas cicatrizes, o espelho que reflete o encontro da subjetividade com a alteridade ora está rachado; ora mostra o narrador querendo fundir-se ao outro. Aliás, os nomes que mais se repetem é o do seu alter-ego, João. É João Evangelista (*A fúria do corpo*); João Ninguém (*Mínimos...*) ou João Imaculado (*Acenos e Afagos*). Essa característica permite fazer a leitura do duplo, o outro, que também propaga a própria voz do autor, mais uma estratégia ficcional. Alguém que empresta sua própria voz para uma *performance*.

Quanto às personagens da narrativa não são tantas assim. Apesar de tratar-se de romances, todas as histórias movimentam-se com poucos seres: o menino que retorna sempre, o velho, a mulher e o pensamento atormentado de cada narrador sobre o presente. São seres que carregam doenças, dores, aleijões, seres desgarrados e desprovidos de quaisquer laços familiares. São seres sem acolhimento, sem casa, desamparados, sedentos e famintos. Na maioria das vezes, a sede pode ser resolvida com um ato solidário do outro: um copo d'água. Mas a fome do estômago, de sexo ou de vida traz vertigem para esse corpo em abandono.

O acontecimento narrado advém dos sentidos aguçados do narrador no espaço, o corpo é o principal acontecimento e deixa seu rastro nas narrativas ou caça imagens-ícones tal qual bicho farejador na sua própria floresta ou na do outro sempre fruto de um encontro. Trata-se de seres em extravio de si mesmo, buscam o corpo do outro para

somar forças. Todos os enredos abarcam experiências desses protagonistas na miséria, na cidade por espaços do mundo para retornar sempre ao ponto de origem: Porto Alegre, a cidade natal do autor. Outros espaços além da própria consciência e o corpo são hospitais, hotéis, aeroportos, shoppings, ou seja, espaços fluidos que não fixam a identidade ou trazem qualquer ideia de pertencimento.

O espaço da cidade também é encenado como ruína. A cidade desdenhosa, que não fixa pertencimento. Pelo contrário, esta é vista decaída onde o sentido de segurança ou de confiança no outro se encontra dissolvido: “Saio da casa arruinada, saio sim, saio pelas ruas de uma cidade que foi minha e não darei o nome porque ela me pertenceu naquele tempo em que eu ainda não sofrera a queda de todas as ilusões”. Trata-se de uma cidadania aviltada pelo tempo em narradores errantes pela cidade, que mesmo ante a multidão, produz nesse homem mais vazio e indefinição (NOLL, 1981: 174).

O autor apresenta a materialidade da língua na própria escrita, o corpo e a palavra enquanto objetos artísticos. Apresenta a ressignificação do espaço, do corpo vivendo a via-crúcis da paixão e a linguagem como personagem da própria escrita, o corpo como território da inquietude e da peregrinação na infrutífera busca de relacionamento pulverizado no mundo contemporâneo. E, a palavra como “sons impenetráveis à volúpia comum do entendimento” (NOLL, 2003: 41).

Apresenta o homem em seu limite de suportabilidade entre encontros e desencontros, desejos e vontades, buscando viver uma experiência que dê sentido à vida em uma concreta e angustiante realidade. O narrador de *A fúria do corpo* diz: “minha alma é transparente. Meu corpo é prega sobre prega” (NOLL, 1981: 148).

Tudo no mundo globalizado requer menos tempo, menos cuidado com o mundo, com o outro e com si mesmo. Na transitoriedade absurda da vida, na sociedade consumista do imediatismo, em que os relacionamentos estão engendrados nessa rede de exiguidades e ausências de humanos, tudo se transforma e transmuta em nada, em vazio em segundos: tudo é descartável.

Neste momento em que se vive uma crise de valores, a ausência de utopia destituiu o homem de pensar o futuro. Só importa o presente. No mundo consumista da matéria, o corpo é objeto multiuso, os seres humanos despem-se de si mesmos e de sua integralidade e veem-se em contínuo abismo social, temporal e espacial, sem saberem quem são ou que direção seguir.

Mas resta, ainda, uma “daninha esperança de coisa nenhuma”, diz João Gilberto Noll. No entanto, não há como desconsiderar que se trata de um disfarçado fio de esperança. O narrador sentencia sua crucificação: “Não há remédio quando os sentidos superam a realidade porque a realidade está condenada” (NOLL, 1981: 104).

O tempo é o presente, o instante. Não se reportam esses narradores ao passado sequer em pequenos *flashes* da memória, em que traz cacos da tradição para dentro do texto, porque a memória já não retém dados de antes como a figuração do índio, de santos, da mãe ou do pai e outras tantas. O presente está encerrado nas vertigens e nos fatos possíveis de serem narrados. O tempo é o instante que se apresenta. E, o contexto é o mais importante. Não há como ler as imagens destituídas do todo. Isso não só em cada obra. Mas no conjunto da obra do autor. Quando as imagens retornam em espiral em labirintos como um caleidoscópio.

A linguagem, na obra de João Gilberto Noll, pode ser definida como uma voragem cega no abismo do inconsciente, no cerne do corpo, para encenar a vida. Um jorro, “violento orgasmo”, em busca da criação desordenada do mundo em que a literatura lazarenta mergulha no abjeto, no Mal e na dor espiritual do homem. O corpo unguido pela guerra da cidade explode vida e líquidos. Uma fala para transcender a morte pelo profano, através de movimento contínuo em nome do ser.

Mas, se o ser é nada. Onde devemos buscá-lo? Bataille nos responde que devemos buscá-lo no sentimento da morte, nesses momentos intoleráveis em que nos parece que morremos, porque o ser só está ali pelo excesso, quando as plenitudes de horror e da alegria coincidem. O narrador de João Gilberto Noll diz que “o ser é um farsante carnavalesco de ser eu grito esmurrando o ar com medo de minha mão pegar no ser e quebrá-lo, dissolvê-lo, apagá-lo” (NOLL, 1981: 131; 184).

Toda a narrativa é uma farsa ou um *Actus Tragicus*, anuncia o narrador de *A fúria do corpo*, repetindo a cantata de Bach. Ele encena a dor do dilaceramento em uma confusa combinação e justaposição que ligam a comicidade da farsa à dramaticidade da tragédia ao sublime do sagrado e à literatura do grotesco. Nada mais que uma imagem de violência, de desconcerto pelo próprio homem, um realismo de choque, de fúria do corpo, de apagamento, de continuidade e descontinuidade, de coesão e dissolução.

Mas isso não resume a escrita a uma prosa fútil ou sem interesse. Pelo contrário, as imagens são sempre impactantes pela sexualidade e abjeção, cutucam o leitor e acrescentam movimento ao mundo narrado.

Metamorfose, mutação, correnteza, deformação, mudança e movimento contínuo estão nas obras desse autor. Um mundo plural e diversificado em que o narrador afirma: “Quem olha tais mutações? E esse alguém se altera ao presenciar a estranha alteração?” (NOLL, 2003: 33).

É fato que a complexidade do humano está cada vez mais engendrada nas máscaras silenciosas, nas mutações e dissoluções da vida. Visibilidade e invisibilidade convivem no mesmo tempo da realidade dentro do virtual. A metáfora do líquido, na prosa de João Gilberto Noll, é também fruto de uma energia máxima, que este autor carrega em sua linguagem, com fortes imagens a chocar o leitor. Ela serve de elo entre sujeito e objeto artístico, uma força sobrenatural para revigorar uma nova forma de escrita.

Existe um dinamismo na obra de João Gilberto Noll. Assim, o autor vai escavando ao máximo as imagens. Leva o leitor com elas à beira do abismo, quando parecem fugidias em seu pensamento e esgotadas, dissolve-as, valendo-se do uso do elemento líquido: a água, o mijo, o lago sujo, o excremento, o mar revolto, o rio, menos a lágrima.

O que chamamos a dissolução do corpo e da palavra faz parte da crise da contemporaneidade sem saídas futuras previstas, vivendo cada dia como se fosse único. É parte da crise da arte. *A literatura líquida de João Gilberto Noll* parece-nos uma característica que abrange a escrita e a forma ficcional apresentada pela metáfora da dissolução e da busca entre o dizer e o fazer.

A dissolução da forma literária é sempre a busca de uma nova autoria em Noll. É ausência de solidez, do mundo totalitário que deu lugar ao fragmento e à fluidez, uma metaficção pautada na materialidade do discurso, uma prosa transbordante, que encontra saídas ante o insuportável no inesperado, na dissolução do corpo e na palavra.

Nas obras de Noll há negação. Mas há também uma comoção utópica ante a poética da vida levantada em cada nova narrativa. O homem pensa sem cessar no aceno do homem do abismo. Ele parece viver uma vida dissoluta, ou seja, o que lhe resta entre o possível e o impossível. Por isso sua palavra encontra a fugacidade do insuportável na quase-morte ou na transfiguração do corpo. Ele sabe que: “Não há remédio quando os sentidos superam a realidade porque a realidade está condenada” (NOLL, 1981: 104).

Se para João Gilberto Noll, escrever é navegar; navegar nas águas dessa escrita resume-se em pensar o presente e seus desafios. Para esses narradores, a escrita é

sagrada. O autor sacrifica o corpo para gerar palavra, porque através dele o escritor firma o tempo presente de incertezas, múltiplo, e enfoca as dificuldades de apreender o contemporâneo.

Nessa leitura, a dissolução torna-se uma experiência marginal na obra de Noll porque ao invés de definir os pares antitéticos, na verdade, a leitura reafirma a margem, ou seja, o sagrado reafirma o profano; o objeto reafirma a matéria; a morte reafirma a vida e a presença do corpo reafirma a condição transgressora do sujeito no mundo.

A dissolução tem o mesmo efeito da vertigem da morte. Ambas são a abertura do fim. Aquele que é acometido por essas perturbações conhece o limite do excesso, ou seja, a vida misturada com a morte. Assim, tanto a morte é signo da vida como abertura para o ilimitado.

Por isso, só a condenação e a dissolução no limite como abertura para o ilimitado podem salvar a obra para a eternidade. E, a literatura enquanto arte propicia essa possibilidade.

Referências

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal* [Coleção Passagens]. Trad. António Borges Coelho. Lisboa: Vega. 1998.

_____. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

_____. *Acenos e Afagos*, Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: Francis, 2003.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Europa-América, 1989.

PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), 1987.